

Dez lições para o mundo pós-pandemia

FAREED ZAKARIA

Tradução de Alexandre Raposo,
Bruno Casotti, Flávia Rössler e Jaime Biaggio



 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Introdução: O efeito morcego

LIÇÃO UM: Apertem os cintos

LIÇÃO DOIS: O que importa não é quanto, mas como o governo intervém

LIÇÃO TRÊS: Mercados não são suficientes

LIÇÃO QUATRO: As pessoas deveriam ouvir os especialistas — e os especialistas deveriam ouvir as pessoas

LIÇÃO CINCO: A vida é digital

LIÇÃO SEIS: Aristóteles estava certo: somos animais sociais

LIÇÃO SETE: A desigualdade vai aumentar

LIÇÃO OITO: A globalização não morreu

LIÇÃO NOVE: O mundo está se tornando bipolar

LIÇÃO DEZ: às vezes os grandes realistas são os idealistas

CONCLUSÃO: Nada está escrito

Agradecimentos

Créditos

Notas

Sobre o autor

Leia também

Para Dan, Joanna e Gideon Rose

O Futuro nunca falou —
Nem irá como o Mudo
Revelar por sinal — uma Sílabas
De Seu Profundo Por Vir —

Mas quando a Nova estiver madura —
Apresenta-a no Ato —
Antecipando preparação —
Escapar — ou Substituir

EMILY DICKINSON*

* DICKINSON, Emily. *Emily Dickinson's Poems: As She Preserved Them*, org. Crisianne Miller (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2016). (Em algumas versões aparece, no lugar de “Revelar por Sinal uma Sílabas”, “Comunicar por Sinal uma Circunstância”.)

INTRODUÇÃO

O efeito morcego

O *The New York Times* chamou a imagem de “a esfera espinhosa vista no mundo inteiro”.¹ No fim de janeiro, Alissa Eckert e Dan Higgins, seu colega no Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês), receberam a tarefa de criar uma representação do novo coronavírus. Precisava ser “algo para chamar a atenção do público”, explicou Eckert mais tarde ao jornal. O que eles produziram foi a imagem de uma esfera prateada com “espinhos” vermelhos brilhantes. Evocativa e perturbadora, a ilustração logo se espalhou e passou a aparecer em todos os jornais, revistas e telejornais. Se neste exato momento você imaginar qual a aparência de um coronavírus, é muito provável que lhe venha à mente a interpretação de Eckert e Higgins ou algo similar. No mundo um tanto macabro dos ilustradores médicos profissionais, a imagem é chamada de “pose fatal”, um close detalhado de uma única partícula viral que a faz parecer ameaçadora e enorme. Na verdade, o novo coronavírus tem mais ou menos 1/10.000 do tamanho do ponto final desta frase.²

Muitas vezes somos aconselhados a pensar grande, mas talvez precisemos começar a pensar pequeno. Somos bons em imaginar os grandes perigos já tradicionais, por mais improváveis que tenham se tornado atualmente, como ataques militares e invasões, e em planejar

respostas em grande escala para eles. Governos gastam trilhões de dólares para montar forças armadas gigantescas, rastrear a movimentação de exércitos em todo o planeta e praticar simulações de guerra contra inimigos potenciais. Os Estados Unidos, sozinhos, destinam todos os anos quase 750 bilhões de dólares ao orçamento do Departamento de Defesa.³ No entanto, não estávamos preparados para nos defender de um microrganismo. É bem possível que essa partícula viral cause o maior dano econômico, político e social que a humanidade já viu desde a Segunda Guerra Mundial.

Este não é um livro sobre a pandemia, mas sobre o mundo que começa a surgir como resultado da pandemia e, mais importante, sobre nossas respostas a ela. Um grande choque pode conter respostas diversas em função do estado em que o mundo se encontra naquele momento e de como os seres humanos reagem — com medo, negação ou adaptação. No caso do novo coronavírus, o impacto está sendo moldado pelo fato de que nosso mundo está profundamente interconectado, de que a maioria dos países não estava preparada para a pandemia e de que, em consequência, muitos deles, inclusive os mais ricos, fecharam suas sociedades e suas economias de forma sem precedentes na história da humanidade.

Este livro fala de um “mundo pós-pandemia” não porque o coronavírus ficou para trás, mas porque cruzamos um limiar crucial. Até o momento, a maioria das pessoas foi poupada de enfrentar uma epidemia em grande escala. Mas agora sabemos em primeira mão o que significa vivenciar uma pandemia. Vimos os desafios e os custos para combatê-la. A pandemia de Covid-19 talvez perdure, mas, ainda que seja erradicada, é quase certo que novos surtos de outras doenças ocorrerão no futuro. Com esses conhecimentos e essa experiência,

vivemos agora uma nova era: a pós-pandemia.

Quais são exatamente as consequências dessa pandemia? Houve quem sugerisse que ela provará ser um ponto de virada,⁴ um momento que mudará para sempre o curso da história moderna. Outros acreditam que, após uma vacina, em pouco tempo tudo vai voltar ao normal.⁵ Outros, ainda, argumentam que a pandemia não reformulará a história, mas a acelerará.⁶ Esse último cenário parece o desfecho mais provável. Consta que Lenin teria dito: “Há décadas em que nada acontece, e depois há semanas em que décadas acontecem.”

O mundo pós-pandemia será, em muitos aspectos, uma versão acelerada do mundo que conhecemos. Mas, quando se acelera a vida, os fatos não ocorrem mais de forma natural e as consequências podem ser nocivas, ou até mortais. Na década de 1930, muitos países em desenvolvimento se modernizavam em um ritmo constante, ao transferir pessoas da agricultura para a indústria. A União Soviética decidiu acelerar esse processo de forma bastante exagerada. Essa decisão, a coletivização da agricultura, levou à fome, à “liquidação” de milhões de agricultores, ao endurecimento da ditadura e à deturpação da sociedade soviética. Um mundo que faz uso de esteroides pode sofrer efeitos colaterais imprevisíveis.

A vida pós-pandemia será diferente para os países, as empresas e, acima de tudo, para os indivíduos. Ainda que a economia e a política voltem ao normal, o mesmo não vai acontecer com os seres humanos. Eles terão passado por uma experiência difícil e incomum, e a sentirão como uma nova oportunidade conquistada a duras penas. Após sobreviver à gripe espanhola, um personagem do romance *They Came Like Swallows* [Eles vieram como andorinhas], escrito por William Maxwell em 1937, diz que foi tomado por uma sensação de

“deslumbramento (pois aquilo havia sido uma revelação: nem ele nem ninguém sabia que sua vida seria assim)”.⁷ À medida que o pior passa, emergimos para a “luz fria do amanhã”, como disse a escritora Katherine Anne Porter em sua novela com cunho autobiográfico de 1939, *Cavalo pálido, pálido cavaleiro*, com relação a sobreviver a essa mesma epidemia. Sua última frase: “Agora haveria tempo para tudo.”⁸

EPIDEMIAS TÊM CONSEQUÊNCIAS

Deveríamos ter previsto isso.⁹ O coronavírus pode ser novo, mas as epidemias não. A literatura ocidental começa com uma delas. Nos versos iniciais da *Iliada*, de Homero, os exércitos gregos estão sendo devastados pela peste, uma punição divina dirigida a seu líder, o vaidoso, avarento e belicoso rei Agamenon. A primeira história séria escrita no Ocidente tem a ver com uma epidemia. A *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, narra o longo conflito entre as duas superpotências da época: Atenas e Esparta. Pouco antes de a guerra se iniciar, escreve Tucídides, uma terrível praga varreu Atenas e causou a morte não só de um grande número de cidadãos saudáveis, mas também — e isso é o mais significativo — do inigualável líder da cidade-Estado, Péricles. Os dois lados tinham sistemas políticos muito diferentes: Atenas era democrática; Esparta, uma sociedade guerreira com estrutura rígida. No fim, Esparta prevaleceu, e não é exagero dizer que, se não tivesse havido a praga, Atenas poderia ter vencido. O curso da história ocidental teria então sido diferente, com uma democracia vibrante tornando-se um modelo de sucesso a ser seguido e não apenas uma chama que brilhou intensamente antes de se extinguir. Epidemias têm consequências.

A que gerou as maiores consequências foi, de longe, a epidemia de peste bubônica, que começou na Ásia Central por volta de 1330 e se espalhou pela Europa na década seguinte. Um cronista medieval¹⁰ acusou os mongóis de introduzir a doença no continente ao lançar cadáveres infectados ¹¹ em uma fortaleza genovesa com a ajuda de uma catapulta — uma arma biológica rudimentar. O mais provável é que a peste tenha se espalhado pelo comércio global através de caravanas e navios que transportavam mercadorias do Oriente para grandes portos como Messina, na Sicília, e Marselha, na França. A grande peste era transmitida por pulgas infectadas e atacava o sistema linfático de suas vítimas, o que causou sofrimento e morte em uma escala jamais vista. Quase metade da população da Europa foi dizimada.¹² A doença, como tantas outras, nunca foi erradicada por completo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) ainda relata todos os anos algumas centenas de casos de peste bubônica,¹³ felizmente agora tratável com antibióticos.

A peste teve efeitos sísmicos. Estudiosos acreditam que, com tantas mortes, a economia da época virou de cabeça para baixo. Walter Scheidel explica que a mão de obra se tornou escassa e a terra, abundante, e por isso os salários aumentaram e os aluguéis caíram.¹⁴ Os trabalhadores passaram a ter mais poder de barganha, e os nobres o perderam. A submissão perdeu a força em grande parte da Europa Ocidental. É óbvio que o impacto variou de um país para outro de acordo com as estruturas econômica e política de cada um. As desigualdades, de fato, aumentaram em alguns lugares que adotaram medidas repressivas. Por exemplo, nobres proprietários de terras na Europa Oriental usaram a miséria e o caos para reforçar seu domínio e impor a servidão pela primeira vez. Além dos efeitos materiais, a peste

provocou uma revolução intelectual. Muitos europeus do século XIV se perguntaram por que Deus teria permitido esse inferno na Terra e questionaram as hierarquias arraigadas,¹⁵ o que acabou contribuindo para a Europa romper o mal-estar do período medieval e colocar em marcha o Renascimento, a Reforma e o Iluminismo.¹⁶ Da morte e do horror surgiram a ciência, a modernidade e o crescimento. Com a Covid-19, felizmente, não nos defrontamos com a mesma mortalidade em massa. Mas poderia a pandemia de nossa era provocar um espírito similar de introspecção social, um impacto de igual dimensão em nossa complacência?

O historiador William McNeill, autor do importante estudo *Plagues and Peoples* [Povos e pragas], foi atraído pela epidemiologia enquanto tentava solucionar um enigma: por que um número reduzido de soldados europeus conseguiu em pouco tempo conquistar e converter milhões de pessoas na América Latina? O explorador espanhol Hernán Cortés, por exemplo, tinha seiscentos homens quando começou a enfrentar o Império Asteca, que possuía milhões de indivíduos. A resposta, McNeill descobriu, envolvia epidemias. Os espanhóis trouxeram consigo não apenas armamentos avançados, mas também doenças como a varíola, contra as quais haviam adquirido imunidade, mas os nativos não. As estimativas do número de mortes que se seguiram são impressionantes, variando de 30% da população no início do conflito a entre 60% e 90% no decorrer do século XVI. Em última análise, dezenas de milhões de pessoas.¹⁷ McNeill imagina “as implicações psicológicas de uma doença que matou apenas os indígenas e deixou os espanhóis ilesos”.¹⁸ Uma conclusão a que os nativos chegaram, especula ele, foi que os estrangeiros veneravam deuses poderosos. Isso ajudaria a explicar por que tantos deles se

submeteram ao domínio espanhol e se converteram ao cristianismo.

A pandemia ainda presente em nossa memória é a gripe espanhola, que atingiu o mundo em meio à Primeira Guerra Mundial e matou cerca de cinquenta milhões de pessoas,¹⁹ mais do que o dobro do número de mortos em combate.²⁰ (A doença foi chamada de gripe espanhola não porque teve origem na Espanha, mas porque esse país, por não ter se envolvido na guerra, não censurava notícias.²¹ O surto da doença foi, assim, amplamente divulgado pela Espanha, o que levou as pessoas a supor que a enfermidade viera de lá.) A ciência fez enormes avanços desde o início do século XX. Até então, ninguém jamais tinha visto um vírus, muito menos sabia como tratar essa nova infecção: os microscópios eletrônicos não haviam sido inventados, tampouco os antivirais.²² Ainda assim, as três diretrizes mais importantes das autoridades da área de saúde na época — distanciamento social, uso de máscara e higienização das mãos — continuam sendo três dos quatro mecanismos mais importantes utilizados hoje em dia para retardar a propagação do novo coronavírus, até que seja desenvolvida uma vacina. O quarto — testagem regular — é a única inclusão moderna.

Ao longo de décadas mais recentes, surtos de Sars, Mers (Síndrome Respiratória Aguda Grave e Síndrome Respiratória do Oriente Médio, nas siglas em inglês), gripe aviária, gripe suína e Ebola se propagaram de forma ampla e vertiginosa, o que levou muitos especialistas a lançar o alerta de que poderíamos em breve enfrentar uma epidemia global. O público também percebeu. Em 1994, o best-seller de Richard Preston, *Zona quente*, detalhou as origens do vírus Ebola. O filme *Contágio*, de 2011, inspirado na epidemia de Sars de 2002-2003 e na pandemia de gripe suína de

2009, imaginou um vírus que ceifava 26 milhões de vidas ao redor do mundo. Em 2015, Bill Gates alertou, numa palestra na plataforma TED Talks, que “se alguma coisa matar mais de dez milhões de pessoas no decorrer das próximas décadas, é bem provável que se trate de um vírus altamente infeccioso”.²³ Em 2017, sua voz ganhou ainda mais ressonância quando ele estimou, em um discurso na Conferência de Segurança de Munique,²⁴ que havia uma razoável possibilidade de uma pandemia dessa magnitude eclodir no decorrer dos próximos quinze anos.

Naquele momento, não era preciso muita previsão para imaginar uma pandemia e pleitear investimentos maiores em tempo, recursos e energia para evitá-la. Em junho de 2017, quando o presidente Donald Trump propôs cortes orçamentários nos principais órgãos responsáveis por saúde pública e doenças, dediquei um bloco do meu programa na CNN ao assunto e falei:

Uma das maiores ameaças com as quais os Estados Unidos se defrontam não é grande. Na verdade, é minúscula, microscópica, milhares de vezes menor do que a cabeça de um alfinete. Patógenos mortais, sejam artificiais ou naturais, poderiam desencadear uma crise sanitária global, e os Estados Unidos estão totalmente despreparados para lidar com ela [...] Basta nos lembrarmos do que aconteceu cem anos atrás, em 1918, quando se estima que a pandemia de gripe espanhola tenha matado cinquenta milhões de pessoas no mundo todo. Em muitos aspectos, estamos hoje ainda mais vulneráveis. Cidades densamente povoadas, guerras, desastres naturais e viagens aéreas internacionais criam condições para que um vírus mortal originário de uma pequena aldeia na África possa ser transmitido quase que para qualquer lugar do mundo, inclusive os Estados Unidos, em 24 horas [...] A biossegurança e as pandemias globais ultrapassam todas as fronteiras nacionais. Patógenos, vírus e doenças são assassinos que atacam a todos, sem distinção. Quando a crise chegar, desejaremos ter mais financiamento

e mais cooperação global. Mas então será tarde demais.²⁵

Foi tarde demais. Recebemos inúmeros avisos de que precisávamos nos preparar para a Covid-19. Contudo, além dos perigos inerentes de uma pandemia, devíamos também ter previsto a possibilidade de nossos sistemas entrarem em colapso.

Após a Guerra Fria, o mundo se organizou em um novo sistema internacional baseado em três poderes, um geopolítico, um econômico e um tecnológico: poder norte-americano, o livre mercado e a revolução da informação. Todos pareciam trabalhar juntos para criar um mundo mais aberto e próspero. Mas ainda era um mundo cheio de crises, algumas das quais fugiriam de todo e qualquer controle. As guerras nos Bálcãs, o colapso financeiro asiático, os ataques do Onze de Setembro, a crise financeira global e agora a Covid-19. Embora sejam todas diferentes, elas têm algo crucial em comum. Todas representam choques *assimétricos*²⁶ — coisas que começam pequenas, mas acabam enviando ondas sísmicas para o mundo inteiro. Isso é especificamente verdadeiro para os três considerados mais duradouros — o Onze de Setembro, a crise financeira de 2008 e o coronavírus.

O Onze de Setembro sacudiu o planeta, ao focar a atenção em uma reação particular a esse novo mundo, que muitos ocidentais haviam até então ignorado. Os ataques lançaram holofotes para o ódio do islamismo radical, as tensões no Oriente Médio e a relação complicada do Ocidente com ambos. Eles provocaram uma reação feroz dos Estados Unidos. O país desenvolveu um vasto aparato de segurança interna, mas também provocou guerras no Afeganistão e no Iraque, e direcionou operações para outros lugares, cujo gasto, conforme estimativas, foi de 5,4 trilhões de dólares na “guerra ao terror”.²⁷ Essa campanha provocou confrontos sangrentos, revolução,

*image
not
available*

Covid-19 mostra ter efeitos profundos e duradouros em cada um de nós, repercussões que ainda não conseguimos compreender em sua totalidade.

No entanto, cada uma dessas três grandes crises globais foi desencadeada a partir de algo pequeno, aparentemente trivial. Pensemos nos atentados de 11 de setembro, realizados por dezenove jovens, munidos das mais simples e rudimentares armas: pequenas facas, não muito diferentes das utilizadas na Idade do Bronze há quatro mil anos. Ainda assim, esses dezenove indivíduos deram início a uma onda de guerras, operações de inteligência, revoltas e repressão em todo o mundo. Ou consideremos as origens da crise financeira global — um produto financeiro obscuro, o *credit default swap*, uma espécie de apólice de seguro feito, em geral, sobre empréstimos hipotecários, foi organizado e reorganizado, fatiado e picado, vendido e revendido, até se tornar um mercado de 45 trilhões de dólares,³¹ valor três vezes superior à economia dos Estados Unidos e equivalente a três quartos³² de toda a economia global. Quando esse mercado quebrou, levou consigo a economia mundial e, no momento oportuno, desencadeou uma onda de populismo. Sem os *credit default swaps*, talvez Donald Trump jamais tivesse sido eleito.

E no caso da atual pandemia, todos nós agora reconhecemos como uma minúscula partícula viral em um morcego na província chinesa de Hubei conseguiu deixar o mundo de joelhos — um exemplo real do efeito borboleta, segundo o qual um bater de asas de uma borboleta³³ pode influenciar os padrões climáticos do outro lado do mundo. Pequenas mudanças podem ter grandes consequências. Nas redes elétricas ou de computadores, se um diminuto elemento se rompe e transfere sua carga para outro, que depois também se rompe, isso pode

*image
not
available*

*image
not
available*

versão própria dessa ideia, o “trilema de políticas”,⁴ que postula que os países podem ter dois dos três pontos a seguir: capital de fluxo livre, bancos centrais independentes e taxa de câmbio fixa. Embora sejam um pouco inadequados, os trilemas chegam a uma noção básica: se tudo for aberto e dinâmico, o sistema pode se tornar perigosamente instável.

Consideremos nossa forma muito dinâmica de capitalismo global, que pode resultar em crescimento significativo, mas também em colapsos financeiros e crises econômicas. Da metade da década de 1930 até o início da de 1980, quando os mercados financeiros eram mais regulados, crises financeiras sérias eram poucas e espaçadas entre si. Ao longo das últimas décadas, no entanto, à medida que os governos desregulavam suas finanças, testemunhamos um revés atrás do outro: o baque da dívida latino-americana; a crise de poupança e empréstimo; a crise mexicana, ou o “efeito tequila”, como é conhecida; o colapso asiático; o calote russo, a implosão do Long-Term Capital Management (LTCM); o estouro da bolha tecnológica; a crise financeira global. Mais aberto, mais dinâmico, mais instável.

Criamos um mundo que está sempre em velocidade máxima. Em todos os sentidos, o desenvolvimento humano teve uma aceleração considerável ao longo dos últimos dois séculos, e esse ritmo aumentou ainda mais nas últimas décadas. As pessoas vivem mais, produzem e consomem mais, habitam espaços mais amplos, consomem mais energia, geram mais resíduos e emitem mais gases do efeito estufa. Um único exemplo: um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) preparado em 2019 por 145 especialistas de cinquenta países concluiu que “a natureza está se deteriorando, em nível global, a taxas sem precedentes na história da humanidade”.⁵ O relatório também

*image
not
available*

cujas escamas são utilizadas na medicina tradicional chinesa¹⁶ — antes de infectar os humanos. “Todos os dias fazemos coisas que tornam as pandemias mais prováveis”, declarou Peter Daszak, respeitado ecologista de doenças. “Precisamos entender que isso não diz respeito somente à natureza. Diz respeito ao que estamos fazendo com ela.”¹⁷

Conforme o desenvolvimento econômico avança a passos largos e atinge mais pessoas, corremos riscos cada vez maiores, muitas vezes sem sequer perceber. Pensemos no consumo de carne. À medida que o poder aquisitivo das pessoas aumenta, elas tendem a comer mais carne. Quando isso acontece em nível global, o efeito é surpreendente: no mundo inteiro são abatidos cerca de oitenta bilhões de animais para consumo de carne *a cada ano*¹⁸ (isso sem incluir os peixes). No entanto, suprir essa enorme demanda acarreta um alto custo para o meio ambiente e a nossa saúde. Os produtos de origem animal fornecem apenas 18% de calorias¹⁹ em nível mundial, mas ocupam 80% das terras cultiváveis do planeta. Entretanto, a carne é hoje produzida como em uma fábrica do século XIX, com um grande número de animais amontoados em espaços reduzidos e em condições terríveis. A maior parte do gado — cerca de 99% nos Estados Unidos²⁰ e 74% no mundo inteiro²¹ — vem da pecuária industrial. (Carne de animais de fazendas orgânicas alimentados com pasto é um produto de luxo.) Essas operações maciças servem como placas de Petri para vírus poderosos. “A seleção de genes específicos em animais de criação (para características desejáveis, como frangos com mais carne) fez com que esses animais se tornassem quase idênticos geneticamente”, explica Sigal Samuel, da Vox Media. “Isso significa que um vírus pode se propagar facilmente de um animal para outro

*image
not
available*

a aceleração se intensificou ainda mais no século XX, em especial ao longo das últimas décadas. A população do planeta quintuplicou desde 1900, enquanto a expectativa de vida duplicou. O aumento na expectativa de vida vai “além do escopo do que já foi moldado pela seleção natural”, como explicou Joshua Lederberg, o biólogo norte-americano que ganhou o Prêmio Nobel aos 33 anos por seu trabalho sobre genética bacteriana. Em uma palestra brilhante e inquietante em 1989, durante uma conferência sobre virologia em Washington, D.C., Lederberg afirmou que alteramos de tal modo nossa trajetória biológica que “o homem contemporâneo é uma espécie artificial, criada pelo próprio homem”.⁴⁰

Lederberg qualificou o contínuo avanço econômico e científico dos seres humanos como “a maior ameaça para todas as demais espécies vegetais e animais, uma vez que os excluimos em nossa busca pelo espaço vital [...] À parte alguns parasitas”, acrescentou, “o *Homo sapiens* pode ser facilmente considerada a espécie dominante no planeta”. Lederberg salientou, no entanto, que temos um concorrente real — o vírus —, que, no fim, poderia vencer. “Muitas pessoas têm dificuldade em aceitar que a natureza está longe de ser benigna; que ela, no mínimo, não tem qualquer sentimento especial pelo bem-estar do ser humano em relação a outras espécies.” Lederberg lembrou ao público o triste destino que muitos coelhos tiveram na Austrália na década de 1950, quando foram infectados com o vírus da mixomatose como medida de controle da população. Os coelhos acabaram atingindo a imunidade de rebanho, mas isso só aconteceu depois de o vírus ter matado mais de 99% dos infectados nos primeiros surtos.⁴¹ Ele concluiu a palestra com uma imagem sombria: “Eu me pergunto se a sociedade humana conseguiria sobreviver se fosse deixada numa

*image
not
available*

arado que destruiu as planícies. Os órgãos governamentais ensinaram aos agricultores como evitar a erosão do solo. A administração proporcionou uma ajuda considerável aos agricultores, criou o Serviço de Conservação de Solos e colocou sob proteção 55 milhões de hectares⁴⁶ de pastagens federais. Nos últimos 75 anos o Dust Bowl não se repetiu, apesar de condições meteorológicas extremas.

“Surto são inevitáveis, mas pandemias são opcionais”,⁴⁷ afirmou Larry Brilliant, o médico norte-americano que ajudou a erradicar a varíola 45 anos atrás. O que ele quer dizer é que talvez no início não sejamos capazes de modificar os fenômenos naturais que provocam doenças, mas que, mediante preparação, ação precoce e reações inteligentes, podemos rapidamente conter sua trajetória. Na verdade, a erradicação da varíola é uma história que apenas em parte diz respeito à ciência; acima de tudo, tem a ver com uma extraordinária cooperação entre superpotências rivais e ações impressionantes em todo o mundo. Da mesma forma, a mudança climática já está em curso e não temos como detê-la por completo. Podemos, porém, reduzir seu alcance e evitar seus efeitos mais prejudiciais com políticas agressivas e inteligentes. O custo não será baixo. Para enfrentar o problema com seriedade, precisaríamos, em primeiro lugar, instituir um imposto sobre a emissão de carbono, que sinalizaria para o mercado o preço correto e geraria a receita necessária para financiar novas tecnologias e ao mesmo tempo nos adaptar a um planeta já alterado. Quanto ao desenvolvimento econômico, há centenas de formas de abordar o processo de modo diferente, mantendo componentes tradicionais como crescimento, abertura e inovação, dando, ao mesmo tempo, nova ênfase a outros, como segurança, resiliência e antifragilidade.

*image
not
available*

Seria fácil acusar o presidente Trump, e ele de fato merece grande parte da culpa por minimizar a pandemia enquanto ela se aproximava, continuar passivo depois que ela se instalou e menosprezar as diretrizes dos próprios conselheiros científicos. Nunca conseguiu coordenar as ações entre os órgãos federais nem com os cinquenta estados. Há, entretanto, mais nessa história além de apenas uma Casa Branca incompetente. Houve erros em todos os setores do governo. O CDC falhou ao distribuir kits de testagem contaminados⁵ e, nos primeiros momentos, desencorajar a população a usar máscaras.⁶ A Food and Drug Administration (FDA) perdeu tempo nos procedimentos de detecção rápida, o que teria permitido a laboratórios privados preencher a lacuna existente na testagem. O Departamento de Saúde e Serviços Humanos não conseguiu implantar um sistema próprio de testagem em massa. Muitos países, da Alemanha à Coreia do Sul e à Nova Zelândia, saíram de seus *lockdowns* graças a sólidos sistemas de testagem e rastreamento. Os Estados Unidos, não⁷.

Em teoria, o país tem muitos trunfos. É o mais rico do mundo e possui instituições científicas e tecnológicas incomparáveis. Suas agências de saúde pública, como o CDC, têm sido copiadas no mundo inteiro, inclusive pelos chineses. Mas anos de supremacia levaram à complacência. Washington nunca deixou de sobrecarregar essas agências com atribuições e regras, ao mesmo tempo que reduzia seus orçamentos — uma receita para o mau funcionamento. Coordenação em um governo federal tão grande e complexo como o dos Estados Unidos é sempre um tremendo desafio gerencial. Acrescente uma administração que declaradamente via grande parte do governo como inimigo, como um “Estado profundo” a ser desmantelado, e o resultado foi um fracasso generalizado.

*image
not
available*

alguns prefeitos e governadores intensificaram a testagem e ampliaram as unidades de saúde. Quando solicitadas, grandes companhias se adaptaram com extrema habilidade¹⁵ e conseguiram transformar linhas de produção de automóveis em fábricas de respiradores. Importantes empresas de tecnologia do Vale do Silício passaram a ser a salvação de pessoas forçadas a trabalhar em casa. Além disso, empresas farmacêuticas e de biotecnologia saíram à procura de tratamentos e de uma vacina com uma rapidez que surpreendeu até os mais otimistas. Essa não é a imagem de um país em declínio irreversível.

Os Estados Unidos sempre decepcionarão seus mais ardentes detratores... e admiradores. É um país grande e complicado, e qualquer um consegue sempre encontrar nele o que quer. Entretanto, a pandemia deixou à mostra fissuras que têm se ampliado em ritmo constante. Elas foram muito bem descritas décadas atrás pelo economista John Kenneth Galbraith, ao afirmar que o país se definia pela “opulência privada e a miséria pública”.¹⁶ Já faz tempo que os Estados Unidos têm um setor privado fantástico, porém suas instituições públicas, com raras exceções — como o independente, autofinanciado e altamente respeitado FED —, seguem aos trancos e barrancos. Washington pode jogar dinheiro em um problema, e isso muitas vezes acaba funcionando, mas não consegue administrar um programa nacional complexo a serviço de um benefício coletivo. A Previdência Social — cuja principal tarefa é preencher cheques — funciona, ao passo que a Administração de Veteranos é um gigantesco desastre burocrático.

Às vezes, até preencher cheques pode dar errado. Washington gastou trilhões de dólares no combate à pandemia, mas boa parte

*image
not
available*

antigo sistema de favoritismo, se não de um patrimonial, que opera basicamente como corrupção legalizada. Uma vez perguntei a um alto funcionário do Departamento do Tesouro se fazia sentido os bancos serem supervisionados por cinco ou seis diferentes comitês do Congresso, além de vários órgãos reguladores. Essa prática acrescenta uma infundável e conflitante complexidade à supervisão de rotina. Sua resposta, claro, foi não, mas isso nunca vai mudar: “Cada um desses comitês, mais os políticos nos estados, arrecada fundos para suas campanhas eleitorais pedindo dinheiro a esses mesmos bancos. Se eles perderem a supervisão, também vão perder a arrecadação de fundos.” Desde uma decisão da Suprema Corte em 1976, *Buckley vs. Valeo*, os Estados Unidos aderiram à ideia de que gastar dinheiro é um ato de liberdade de expressão e, portanto, não pode ser regulamentado de forma rígida. Essa interpretação, posteriormente confirmada e ampliada na notória decisão *Citizens United* de 2010, não se sustenta em nenhuma outra democracia avançada do planeta, a maioria das quais regulamenta de forma rotineira³¹ como os políticos arrecadam e gastam dinheiro — sem efeitos adversos sobre a liberdade de expressão ou a democracia. Como resultado, no cerne do governo norte-americano há uma série interminável de contrapartidas — dinheiro arrecadado em troca de favores concedidos. Não é à toa que seu código tributário é um dos mais antigos do mundo. Os milhares de emendas a ele são o que os políticos vendem quando arrecadam dinheiro para suas campanhas.

Intelectuais sempre imaginaram um sistema melhor, administrado por especialistas de algum tipo, pessoas que hoje seriam chamadas de tecnocratas. Em *A república*, Platão descreve cinco tipos básicos de regime: aristocracia, timocracia, oligarquia, democracia e tirania. O

*image
not
available*

baixo. Seus motivos variavam. Maquiavel e Hobbes queriam que o governo garantisse a ordem. No século XVIII, Frederico, o Grande, da Prússia, procurou levar o racionalismo iluminista para a política. No século XIX, Napoleão estava determinado a unificar a Europa sob um código de leis moderno. As reformas britânicas Northcote-Trevelyan criaram o serviço público permanente e apolítico que foi copiado no mundo inteiro. Os cartistas, os socialistas e os liberais se movimentaram para abrir a política de maneiras distintas, mas todos com a esperança de dar poder às pessoas em função menos de sua posição na ordem social e mais de seu talento ou de suas necessidades. Os lugares que começaram cedo esse tipo de reforma e foram bem-sucedidos, em particular no norte da Europa, mantiveram uma longa tradição de governo eficaz por meio de vários sistemas políticos e ideológicos ao longo dos séculos. Mesmo sob um sistema comunista, a Alemanha Oriental foi sempre mais eficiente do que o restante da Europa Oriental.

Os países não ocidentais não se modernizaram com a mesma velocidade, embora alguns, em especial na Ásia, tenham começado a fazê-lo no fim do século XIX. A maioria copiou determinadas instituições e práticas ocidentais e, valendo-se também de suas longas tradições de concursos baseados no mérito e de burocracia, criou Estados competentes. Isso se aplica ao Japão, à Coreia do Sul e, décadas depois, à China. O Japão copiou deliberadamente a burocracia prussiana³⁷ durante sua modernização no século XIX e, ao longo de gerações, foi o governo mais forte da Ásia. Na América Latina, o Chile se destaca dos demais países da região por seu governo profundamente enraizado e eficiente, o que mais tarde contribuiu para um crescimento econômico sustentado. (As razões para esse

*image
not
available*

o papel que o governo poderia desempenhar, mesmo durante uma crise calamitosa. Embora ele tenha na verdade aumentado os gastos federais, os números são enganosos. O Departamento de Defesa e grandes programas governamentais — como Seguro Social e Medicare — se mantiveram estáveis ou cresceram durante sua gestão, mas quase todo o restante encolheu. Na década de 1950, os funcionários públicos federais ocupavam mais de 5% do total de empregos.⁴¹ Esse número caiu agora para menos de 2%, apesar de a população ser duas vezes maior⁴² e o PIB, corrigido pela inflação, sete vezes maior.⁴³ Os investimentos do governo em ciência, tecnologia e infraestrutura sofreram uma queda drástica em relação a seus níveis na década de 1950. Os Estados Unidos do século XXI estão vivendo desse antigo capital.

Hoje, o país tem menos funcionários no governo⁴⁴ *per capita* do que a maioria das outras democracias avançadas. O serviço público não é mais a carreira de prestígio que já foi um dia. O congelamento de contratações e os cortes orçamentários tiveram seus efeitos. Como apontou uma análise da Brookings Institution, “um terço [da força de trabalho federal] estará qualificado para se aposentar do momento atual até 2025, e apenas 6% dos funcionários federais têm menos de trinta anos”.⁴⁵ A partir de Reagan, as pessoas passaram a supor que o governo consegue causar mais problemas do que resolver, que todos os órgãos federais estão inflados e que a maior parte das tarefas é mais bem executada pelo setor privado. Políticos de direita costumavam usar a expressão “deixar a besta morrer de fome” para descrever sua estratégia em relação ao governo. Grover Norquist, grande defensor da redução de impostos, usou termos ainda mais pungentes: “Não quero eliminar o governo. Quero apenas reduzi-lo a um tamanho que

*image
not
available*

com objetivos opostos, o que torna rapidez e eficiência um sonho impossível. Cada vez que um abuso de poder é descoberto, um novo conjunto de regras suplementares é colocado em prática. É comum haver conjuntos de regras distintas nos níveis federal, estadual e local, e todas devem ser seguidas à risca. Os órgãos governamentais precisam submeter cada projeto a rigorosas avaliações ambientais e trabalhistas, e objetivos de qualquer outro tipo devem ser analisados. Os funcionários têm pouco critério; por exemplo, eles muitas vezes são pressionados a aceitar o lance mais baixo de uma licitação, mesmo havendo o risco de o trabalho ser entregue com qualidade inferior e fora do prazo. O Congresso adora microgerir as agências e quase nunca deseja lhes conceder a independência e a flexibilidade que são rotineiras em nações como a Alemanha, o Japão e a Coreia do Sul. Na verdade, pessoas que trabalham em diversos países ocidentais muitas vezes se surpreendem com o fato de haver muito mais burocracia nos Estados Unidos do *laissez-faire* do que em países supostamente estatistas como o Canadá, a Dinamarca e a Alemanha. Qualquer que seja o tamanho de seus Estados, esses países acreditam na criação de órgãos independentes e outorgam aos tecnocratas poder e autonomia, garantindo que o sistema funcione de maneira eficaz. Há orgulho no bom governo.

O empresário de tecnologia Marc Andreessen reagiu à pandemia de 2020 com uma longa postagem em um blog,⁵⁵ na qual declara: “É hora de construir.” Ele começa falando sobre o fracasso do governo norte-americano durante a pandemia, mas vai muito além, e pergunta por que o país não consegue mais criar e executar grandes projetos — construir mais moradias e oferecer melhor infraestrutura, reativar a manufatura doméstica, expandir o ensino superior para milhões de

*image
not
available*

florescesse. No século XX, reformadores progressistas criaram um governo moderno para o país, que ajudou os Estados Unidos a superar a Grande Depressão e a lutar na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria, ao mesmo tempo que alcançava a supremacia econômica. Mas esse Estado, maltratado e debilitado, precisa de renovação e melhorias no século XXI. Olhemos ao redor. Há no momento muitas democracias liberais que são tão livres quanto a norte-americana, porém com governos muito mais competentes. No enfrentamento dos desafios prementes do nosso tempo — infraestrutura, capacitação profissional, mudanças climáticas, saúde pública —, existe ampla evidência de que o governo vem fracassando há uma geração. A Covid-19 é apenas a mais recente, embora talvez a mais séria, de muitas advertências.

Não sou fã de governos intervencionistas. Cresci na Índia, um país com um Estado forte e ambicioso que era um modelo de incompetência e ineficácia. Um Estado que destruiu as perspectivas da Índia durante décadas e continua a frear o país. O simples fato de aumentar a atuação do governo pouco ajuda a resolver os problemas sociais. Um bom governo requer poder limitado, mas linhas de autoridade claras. Envolve dar aos funcionários autonomia, discernimento e capacidade de utilizar o bom senso. Exige o recrutamento de pessoas capazes e dedicadas, inspiradas pela oportunidade de servir ao seu país e de conquistar respeito ao fazê-lo. Não é algo que se possa criar de um dia para outro, mas pode ser feito. Taiwan e a Coreia do Sul não nasceram com um bom governo. Ao contrário, começaram como ditaduras corruptas, mas desenvolveram modelos próprios ao longo de décadas, aprendendo com os outros. Na verdade, esta é uma característica comum a quase todos os países que

*image
not
available*

necessidade de “reformas radicais, a fim de inverter a prevalecente direção política das últimas quatro décadas [...] Governos terão que aceitar um papel mais ativo na economia. Eles precisam ver serviços públicos como investimentos e não como obrigações, e procurar maneiras de tornar os mercados de trabalho mais seguros. A redistribuição de renda deverá voltar à pauta; os privilégios dos mais velhos e abastados em questão. Políticas até recentemente consideradas excêntricas, como renda básica e impostos sobre grandes fortunas, terão de ser debatidas”.

Eram palavras fortes vindas de uma fonte inesperada. Mas muitos no mundo ocidental já estavam recebendo bem ideias ainda mais radicais. Nos Estados Unidos, por exemplo, 43% das pessoas consultadas numa pesquisa de opinião da Gallup, em maio de 2019, concordaram que “alguma forma de socialismo” seria bom para o país.³ Em 1942, apenas 25% disseram o mesmo. Parecia haver uma revolução silenciosa em andamento. O país, que se definia por sua obstinada defesa do capitalismo, parecia agora estar cada vez mais atraído por uma ideologia contra a qual lutara durante a maior parte do século XX. A Covid-19 parece ter apenas acelerado essa tendência.

A pesquisa da Gallup marcou uma mudança acentuada em relação às quatro décadas anteriores — em particular no mundo anglo-americano, que tem definido com frequência a ideologia predominante no mundo. Os anos 1980 haviam sido dominados por Reagan e Thatcher, que encabeçaram uma onda de reformas de livre mercado em seus países e imitadas no mundo inteiro, inclusive, de uma forma ou de outra, por seus oponentes ideológicos. Em 1981, por exemplo, o presidente francês François Mitterrand foi eleito como um socialista comprometido — mas rapidamente abandonou a maior

*image
not
available*

agora apoiam com entusiasmo o protecionismo e a política de fronteiras fechadas. Tucker Carlson, o apresentador da Fox News mais sintonizado com essa mudança, declarou num extraordinário monólogo em 2019 que “líderes republicanos terão de reconhecer que o capitalismo de mercado não é uma religião [...] É preciso ser um tolo para venerá-lo. Nosso sistema foi criado por seres humanos em benefício de seres humanos. Não existimos para servir a mercados. É o oposto. Qualquer sistema econômico que enfraquece e destrói famílias não vale a pena. Um sistema assim é o inimigo de uma sociedade saudável”.⁸ Bernie Sanders não poderia ter dito melhor.

Ideologias se tornam atraentes porque parecem tratar dos problemas cruciais do momento. Nos anos 1930, o capitalismo havia enalhado, o que causou pânico financeiro, colapso e desemprego em massa — e parecia que a situação não ia melhorar tão cedo. Então veio Franklin Roosevelt, que deixou o governo entrar onde o mercado estava falhando e fez o país voltar a crescer. Nos anos 1970, quando a inflação disparou e o crescimento diminuiu, sociedades ocidentais pareciam ter sido vitimadas pela intervenção excessiva do Estado na economia, adotando controles de salários e preços e outros supostos “remédios” que só tornaram as coisas ainda piores. Como resultado, havia um apetite por uma nova abordagem para abrir a economia e libertar o potencial do setor privado. De forma semelhante, o socialismo de Estado produzira uma total estagnação em muitos países em desenvolvimento, e, nos anos 1980, as reformas de Reagan e Thatcher pareciam ser a solução. Agora, o pêndulo balançou de volta e há uma sensação disseminada de que os mercados não conseguem resolver sozinhos a crescente desigualdade e a insegurança no trabalho desencadeadas pelas implacáveis mudanças tecnológicas e pela

*image
not
available*

desproporcionalmente ricas ou bem relacionadas. Duas vezes em anos recentes, em 2008-2009 e 2020, o governo federal gastou trilhões de dólares para salvar grandes empresas e amparar os bens da parcela mais rica da população, e ainda assim pedidos para gastar bilhões em pré-escolas ou lares de baixa renda são repetidamente recebidos com graves preocupações sobre o custo ou sobre o efeito prejudicial de dar esmolas às pessoas. (Por que esse efeito não é uma preocupação quando o Federal Protective Service fornece apoio àqueles que têm ações e títulos?) Nós nos acostumamos a um capitalismo americano que agora é crivado de regras especiais e exceções de emergência. E ainda assim nos dizem que está tudo bem, que o sistema funciona direito.

PAGUE PARA JOGAR

No início da pandemia, a Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia fez uma postagem no Facebook que incentivava todos os seus alunos que estudavam no exterior a voltar para casa, “em especial se você estiver num país com serviços de saúde e infraestrutura e/ou infraestrutura coletiva pouco desenvolvidos, como os Estados Unidos”. A universidade mais tarde deletou a referência ao país porque reconheceu que cometera uma gafe.²²

No fim de março de 2020, quando os americanos perceberam que o vírus os atingira em cheio, deveria ter sido fácil assegurar que cada americano recebesse um teste imediatamente. Afinal, os Estados Unidos gastam em assistência médica o dobro *per capita* da maioria das outras nações desenvolvidas.²³ Mas o país contava com um número desesperadamente baixo de testes, e como a assistência